

Resumo:

São poucas as biografias conhecidas de líderes leigos do movimento de trabalhadores católicos. As poucas referências na historiografia relatam a trajetória de militantes como Carlos Alberto de Menezes, pioneiro no sindicalismo católico pernambucano na virada para o século XX, e João Ezequiel, atuante em Maceió. No contexto da organização da militância católica mineira, nas primeiras décadas do século XX, a figura de José Augusto Campos do Amaral ganha destaque, seja por sua atuação como diretor das duas principais organizações católicas então atuantes – a saber, a União Popular e a Confederação Católica do Trabalho (CCT) –, seja por seus escritos panfletários em prol da organização operária. Diferentemente dos correligionários nordestinos, o militante mineiro surgiu em meio ao novo projeto político-pastoral da Igreja, também conhecido como movimento restaurador de ação social e reconquista de fiéis. A estratégia para combater a laicização e a presença de ideologias revolucionárias na sociedade previu intensa organização da sociedade em corporações intermediárias para a articulação das massas. A trajetória militante de Campos do Amaral vai de 1909 até 1930, ano de sua morte. Bacharel em direito e funcionário dos Correios, atuou como diretor da União Popular do Brasil, em Minas Gerais; diretor da CCT; responsável pelo semanário *O Operário* e autor de panfletos de propaganda católica. Peregrinou por várias cidades mineiras para a fundação de organizações congêneres. Esteve à frente de campanhas pelo ensino religioso nas escolas, habitação popular, jornada de oito horas, descanso dominical, entre outras. Em seus escritos panfletários, reconhecia o socialismo fosse uma das opções de enfrentamento da questão social, mas defendia com veemência a via católica. Apesar de o catolicismo em si ter pouco privilégio nas narrativas históricas sobre o mundo do trabalho, normalmente a militância católica é estudada na figura de intelectuais, como Jackson Figueiredo e Alceu Amoroso de Lima, ou de clérigos mais atuantes. Objetiva-se, portanto, a partir da trajetória de José Augusto Campos do Amaral, elucidar alguns aspectos da construção da opção católica no mundo do trabalho, a formação de lideranças e o surgimento de uma militância leiga, em Belo Horizonte.

JOSÉ AUGUSTO CAMPOS DO AMARAL E O CATOLICISMO MILITANTE

Deivison Gonçalves Amaral*

De 1 a 6 de janeiro de 1910, reuniu-se em Juiz de Fora, no anfiteatro da Academia de Comércio, o Primeiro Congresso Católico Mineiro. Estiveram presentes ao Congresso 301 associações católicas, havendo se inscrito 125 congressistas. Entre eles, Dr. José Augusto Campos do Amaral, que proferiu palestra sobre “A União dos Catholicos”. Em sua fala, Campos do Amaral enfatizou a necessidade da organização dos católicos em prol da questão social. À época, dava os primeiros passos de uma trajetória de pelo menos duas décadas como dirigente do movimento leigo católico em Minas Gerais, durante as quais defendeu a instrução religiosa, a luta contra a carestia e a melhoria das condições de trabalho e vida dos trabalhadores. Uma das principais lutas na militância de Campos do Amaral foi pela organização dos católicos em organizações operárias.

“Se lançarmos as nossas vistas para os países mais adiantados, onde o operariado é mais forte, dispõe de mais cultura, está mais aparelhado para tudo, quando mais não seja ao menos porque vive em um meio melhor; verificaremos que, em todos esses países, os trabalhadores estão organizados, considerando-se desonrados e traidores aqueles que cruzam os braços, ficando indiferentes e inertes. Pode-se afirmar sem nenhum receio que a sua melhor situação foi conquistada *pela organização*.

Pois, se os operários mais adiantados e mais fortes precisam organizar-se e mesmo melhorar as organizações existentes, os operários do nosso meio com mais forte razão devem sacudir o letargo em que estão suicidando e revigorando o seu espírito numa organização sadia, racional, bem-orientada.”¹

A trajetória de Campos do Amaral confunde-se com a organização do movimento leigo católico mineiro, sobretudo dos trabalhadores de Belo Horizonte que se organizaram sob

* Doutorando em História / UNICAMP. Esse artigo advém do projeto de doutoramento “Catolicismo e Trabalho: organização dos trabalhadores católicos em Belo Horizonte”, financiado pela FAPESP. deivisonamaral@gmail.com.

¹ **Organização Operária:** Exposição de alguns princípios pelo Dr. Campos do Amaral. Belo Horizonte, Oliveira, Mesquita e Cia. 1919.

a bandeira do catolicismo social, nas primeiras décadas do século XX. Embora as fontes com informações biográficas sobre ele não sejam abundantes, suas concepções sobre a organização operária e sobre o catolicismo social apresentam o universo das pessoas que estavam à frente das principais organizações católicas da capital mineira. A trajetória e as ideias que de Campos do Amaral defendia configuraram-se como um ponto de partida para compreender a construção da opção católica no mundo do trabalho, a formação de lideranças e o surgimento de uma militância leiga em Belo Horizonte.

Bacharel em direito, teve longa atuação no movimento leigo católico em Minas Gerais. Atuou na direção de duas das principais organizações de católicos de Belo Horizonte, a União Popular e a Confederação Católica do Trabalho. Militou no movimento operário mineiro por pelo menos duas décadas. Parte significativa dessa militância se deu pela imprensa operária, sobretudo a partir de 1919, quando fundou e dirigiu o jornal *O Operário*, órgão oficial da Confederação, que se tornou o jornal operário com maior periodicidade e circulação em Belo Horizonte durante toda a década de 1920. Campos do Amaral esteve presente nos principais eventos organizados pela militância católica e pela Igreja em Minas Gerais, entre eles, quatro Congressos Católicos realizados entre 1910 e 1918 e o Congresso Operário de Pará de Minas. Dr. Campos do Amaral sempre foi enfático – às vezes apologético – em seus artigos sobre a importância da organização operária e sobre a oposição diametral entre o catolicismo e o socialismo, segundo ele os dois únicos caminhos de enfrentamento da questão social.

São poucos os militantes católicos do mundo do trabalho encontrados na historiografia. Em contraposição, perfis biográficos de lideranças operárias anarquistas e comunistas são extremamente comuns na bibliografia sobre o movimento operário brasileiro e em dicionários biográficos. A trajetória de José Augusto Campos do Amaral no movimento leigo católico e, em específico, no movimento operário católico mineiro, confunde-se com o histórico da organização dos trabalhadores em Belo Horizonte. As informações biográficas encontradas sobre ele resumem-se àquelas referentes à sua atuação nas organizações católicas e em participações em congressos católicos e operários. As informações mais consistentes sobre a trajetória de José Augusto Campos do Amaral concentram-se nas décadas de 1910 e 1920, com informações esparsas sobre os anos 1930. Por isso, meu objetivo aqui é

acompanhar a trajetória desse personagem com ênfase na atuação na organização dos trabalhadores e tentar entrelaçar a trajetória individual com o movimento operário católico em Belo Horizonte.

A trajetória de Campos do Amaral é analisada, por um lado, no contexto da organização dos trabalhadores que se empreendeu durante a Primeira República, em todo o país, mas por outro, no contexto da história da Igreja Católica no Brasil. Após a separação do Estado, no fim do século XIX, a Igreja Católica no Brasil romanizou sua administração e implantou um projeto restaurador que visou ao fortalecimento do catolicismo entre os fiéis. Implantou-se, então, um projeto político-pastoral de ação social e reconquista de fiéis. A estratégia para combater a laicização e a presença de ideologias revolucionárias na sociedade previu intensa organização da sociedade em corporações intermediárias para a articulação das massas. Entre essas corporações – essencialmente inspiradas na doutrina social da Igreja, que tem na encíclica *Rerum Novarum*, de 1891, sua pedra angular – estavam diversas organizações católicas de trabalhadores nas primeiras décadas do século XX. Nesse contexto, Belo Horizonte é um caso em que a ação social católica no mundo do trabalho foi bastante expressiva, sobretudo nas décadas de 1910 e 1920.

CAMPOS DO AMARAL E A UNIÃO POPULAR

A primeira referência encontrada sobre José Augusto Campos do Amaral são os registros de sua fala no Primeiro Congresso Católico de Minas Gerais. Em 1929, ao escrever sobre o Primeiro Congresso em seus “subsídios para a história de 20 anos de acção catholica em Minas”, Mário de Lima, poeta, ensaísta, jurista e professor mineiro, referiu-se a Campos do Amaral:

Era diretor da *União Popular* o dr. José Augusto Campos do Amaral, que foi um batalhador destemido da causa católica, em propaganda ininterrupta da mesma, por meio de boletins, folhas volantes, representações aos poderes públicos, conferencias, etc., e que conseguiu, por alguns anos, agremiar, em varias zonas do Estado, diversas filiais daquela valente associação [...].²

² LIMA, Mário. **O bom combate**. Belo Horizonte: Imprensa Official, 1929. p. 89 e 90.

O trabalho de Campos do Amaral na União Popular é o primeiro momento em sua trajetória de direção em organizações católicas de Minas Gerais. A União Popular, fundada em 11 de abril de 1909 e inspirada no modelo alemão de organizações católicas, voltava-se à caridade de forma geral, mas também tinha por objetivo organizar os trabalhadores de Belo Horizonte em sindicatos ou associações e divulgar, por meio da “bôa imprensa”, a doutrina católica para o enfrentamento da questão social. Desde o 1º Congresso Católico, em 1910, decidiu-se que seriam fundadas congêneres em várias cidades mineiras e que todas elas deveriam filiar-se ao Centro da União Popular em Minas Gerais, sediado em Belo Horizonte e dirigido por Campos do Amaral.³ O Centro da União Popular em Minas Gerais era, na verdade, uma ramificação da União Popular do Brasil, fundada no Rio de Janeiro em 1908.⁴ Várias ramificações da União Popular foram criadas no interior do estado e submetidas ao do Centro da União Popular. A posição ocupada por Campos do Amaral fez com que ele organizasse os dois próximos Congressos Católicos, realizados em Belo Horizonte, em 1911 e 1914. O Congresso de 1918 não contou com a organização da União Popular, que à época passava por dificuldades financeiras, mas sim a cargo da União dos Moços Católicos.

Durante a década de 1910, a principal campanha empreendida pelo movimento leigo católico foi pela instrução religiosa nas escolas públicas. A questão entrou para a agenda dos católicos após a separação entre Estado e Igreja, em 1891. Entre as resoluções do Congresso de 1911 está a proposta de encaminhar intensa campanha junto aos poderes públicos para que fosse permitido o ensino religioso facultativo nas escolas públicas, o qual seria justificado pela “liberdade reconhecida e prometida a todos” na República.⁵ A questão também foi discutida no 2º Congresso Brasileiro de Instrução Primária e Secundária, realizado em Belo Horizonte, em 1912, e que contou com a participação de Campos do Amaral. Campos do Amaral foi o responsável por encaminhar as várias solicitações ao Legislativo mineiro. Ao Secretário do Interior, Delfim Moreira, em julho de 1912, foi entregue por uma comissão, composta por Campos do Amaral, Bernardino Augusto de Lima, professor da Escola de Minas e da Faculdade de Direito de Belo Horizonte e por Joaquim Furtado de Menezes,

³ LIMA, Mário. **O bom combate**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1929.

⁴ União Popular do Brasil. Estatutos Gerais. **União Popular**. (Orgam Oficial). Anno I, n. 4, Belo Horizonte, 1910.

⁵ Boletim eclesiástico da Diocese de Diamantina, anno IV, n. IX, p.523, transcrito em LIMA, M. op. cit. p. 130.

também professor da Escola de Minas, uma representação em nome do Segundo Congresso Católico.

Embora muitos apelos tenham sido feitos pela educação moralizada e à grande quantidade de mineiros católicos, a instrução religiosa no ensino público não foi oficializada até 1928, quando Artur Bernardes concedeu o direito ao ensino facultativo. Campos do Amaral esteve à frente dessa campanha, sobretudo por ser o diretor União Popular, que à época era a principal organização católica da cidade. A presença mais marcante de Campos do Amaral, no entanto, foi na organização dos trabalhadores da cidade, atuação que deixou mais registros de suas ideias e trajetória. A educação também ocupou Campos do Amaral nessa empreitada, já que organizou cursos noturnos para operários na Confederação Católica do Trabalho.

CAMPOS DO AMARAL, O MOVIMENTO OPERÁRIO E A CIDADE

Ao final do século XIX, em meio às discussões republicanas sobre os caminhos para o progresso do Brasil, Belo Horizonte foi uma cidade criada para ser a capital de Minas Gerais, abandonando assim as marcas do passado colonial que cercavam Ouro Preto. O objetivo de seus idealizadores era criar uma cidade moderna baseada nos princípios higienistas do urbanismo do período. Idealizada para ser uma sede administrativa, o projeto original da cidade não previa a permanência dos trabalhadores que vieram para sua construção. No entanto, desde a inauguração da nova capital, em 1897, foi preciso tratar de assuntos como as habitações populares e as condições de vida e trabalho desses trabalhadores. Esse quadro propiciou um intenso debate, nas primeiras décadas de existência da cidade, referente às condições de vida e ao direito à cidade. Os trabalhadores não tardaram a fundar organizações de auxílio mútuo e sindicatos para reivindicar habitação, descanso semanal, salários justos e direito à jornada de oito horas. A formação do operariado belo-horizontino é, portanto, fruto da mão de obra que veio para construir a cidade.

A influência da Igreja Católica na forma de ação dos trabalhadores merece destaque. Desde a primeira década de existência de Belo Horizonte, católicos leigos e clericais atuaram junto aos trabalhadores, seja por meio de organizações católicas de trabalhadores ou por ações

diretas da Igreja. Segundo Carlos Veriano, a trajetória dos movimentos operários católicos em Belo Horizonte promoveu “as maiores manifestações de oposição ou de legitimação das relações entre o capital e o trabalho”.⁶

Os quatro congressos católicos realizados em Minas Gerais durante o período estudado – Juiz de Fora (1910) e Belo Horizonte (1911, 1914 e 1918) – sempre tiveram como ponto de pauta a questão operária. Os congressistas defenderam a doutrina social da Igreja, sobretudo aquela enunciada na encíclica *Rerum Novarum*, de 1891, institucionalização do pensamento social católico, que durante o século XIX elaborou visões de mundo atentas à questão social. A encíclica criticava as soluções socialistas e defendia a necessidade de harmonia entre as classes. Foi também uma tentativa de recuperar o espaço perdido com o advento da modernidade e reafirmar-se como a “consciência moral do mundo”.⁷

A busca constante da harmonia social é uma característica definidora da forma de atuação das organizações católicas de trabalhadores. A trajetória de José Augusto Campos do Amaral na organização operária é guiada por esse princípio do catolicismo social. Sua orientação pela organização dos trabalhadores em associações de classe sempre enfatizou a necessidade de harmonia entre as classes. Ainda na direção da União Popular, Campos do Amaral iniciou sua atuação junto aos trabalhadores. Nas resoluções do Segundo Congresso Católico, de 1910, constava uma seção sobre a organização operária, na qual eram defendidas a instrução dos operários, a utilização da imprensa como propaganda dos princípios da ação católica no mundo do trabalho, o combate ao socialismo, o direito a habitações higiênicas, entre outras coisas. No entanto, a atuação mais sistemática de Campos do Amaral junto aos trabalhadores se deu na Confederação Católica do Trabalho. Tanto a União Popular quanto a Confederação foram criadas e dirigidas por leigos e influenciaram significativamente o movimento dos trabalhadores.

A Confederação Católica do Trabalho foi uma instituição que atuou junto aos trabalhadores de Belo Horizonte a partir de 1919. Sob a bandeira do catolicismo social, a entidade aglutinou em torno de si a maioria dos sindicatos e associações de trabalhadores da

⁶ VERIANO, Carlos Evangelista. **Belo Horizonte**: cidade e política – 1897-1920. 2001. 237p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. p.174.

⁷ SOUZA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários**: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

cidade, durante a década de 1920, e apresentou diretrizes para as vivências cotidianas e o mundo do trabalho.

Não coincidentemente, após a fundação da Confederação Católica do Trabalho, grande número de sindicatos de trabalhadores surgiu em Belo Horizonte. Dos 18 sindicatos⁸ filiados à Confederação Católica do Trabalho em 1925, a maioria possui data de fundação ou refundação posterior a 1919, quando a Confederação foi criada. Isso é evidência da influência e do papel de estímulo à organização exercidos pela Confederação Católica do Trabalho. Mais que exercer influência sobre a maioria dos sindicatos da cidade, a Confederação Católica do Trabalho impulsionou o surgimento de muitos deles. Além dos sindicatos profissionais e mistos filiados à entidade, outras organizações aderiram à sua forma de agir e passaram a fazer campanhas e assinar petições e requerimentos em conjunto.

Campos do Amaral foi diretor social da Confederação Católica do Trabalho desde a fundação, em 1919, até pelo menos 1925.⁹ Foi o criador e dirigiu o jornal operário de maior circulação em Belo Horizonte durante a década de 1920, *O Operário*, que circulou com periodicidade variável entre semanal e quinzenal de 1920 até a década de 1930. A linha editorial do jornal traduzia os princípios do catolicismo social, incentivando a organização operária, mas defendendo a garantia da harmonia social. Muitos artigos tinham como tema o caráter natural da propriedade e da divisão da sociedade em classes, a justiça social, o salário justo, o descanso dominical, jornada de trabalho de oito horas, etc. *O Operário* foi o órgão de divulgação das campanhas empreendidas pelos católicos em Belo Horizonte. A análise dos artigos publicados durante a década de 1920, todavia, apresentam o principal tema da militância católica em Belo Horizonte, a saber, a propaganda anti-socialista e a demarcação clara de dois campos de ação absolutamente opostos para resolução da questão social, o socialismo e o catolicismo.¹⁰

⁸ Sindicato dos Carpinteiros, Sindicato dos Marceneiros, Sindicato dos Barbeiros, Sindicato dos Pintores, Sindicato Misto, Sindicato dos Ferroviários, Sindicato dos Condutores e Motorneiros, Sindicato dos Bombeiros, Sindicato dos Mecânicos e Eletricistas, Sindicato dos Empregados em Fábrica de Tecidos, Sindicato das Guardas e demais Empregados da Central, Sindicato dos Pedreiros, Sindicato dos Empregados dos Correios, Sindicato dos Carroceiros, Sindicato dos Padeiros, Sindicato dos Retalhistas e mais Empregados em Açougue, Sindicato das Empregadas Domésticas e Sindicato dos Alfaiates.

⁹ Há uma lacuna de fontes entre 1925 e 1928. Os jornais de 1928 trazem informações sobre outro diretor, mas guardam os dizeres "Fundador: Dr. Campos do Amaral".

¹⁰ Em minha dissertação de mestrado analisei as estratégias discursivas de construção da opção católica em contraposição constante ao socialismo. AMARAL, Deivison Gonçalves. **Confederação Católica do Trabalho: práticas**

A fonte mais útil para compreender as ideias defendidas por Campos do Amaral é o folheto *Organização Operária: Exposição de alguns princípios pelo Dr. Campos do Amaral*, distribuído em 1919 com a tiragem significativa de 10 mil exemplares.¹¹ O folheto enfatizava a necessidade de organização dos trabalhadores para enfrentar a questão social. Ao tratar dessa organização, Campos do Amaral argumentava que existiam apenas dois caminhos para enfrentar a questão social, o dos socialistas e o dos católicos. Nesse sentido, apresenta o que considera serem os principais dissensos entre os dois campos, a saber, suas posições frente à propriedade, ao regime capitalista de produção e, por último, ao princípio da autoridade e ao Estado. Apresenta, pois, para cada um dos temas, os argumentos socialistas e católicos para demonstrar o seguinte:

Não é necessário, nem lícito destruir a propriedade; o que é urgente é reduzi-la aos seus justos termos, é obrigá-la a cumprir os seus deveres, é subordinar o seu uso às regras da justiça.

Estamos, portanto, diante de um dilema: de um lado, os princípios do socialismo; do outro lado, os princípios da Igreja.

A organização católica estriba-se nestes; a organização NEUTRA não encontra princípios para formar-se. [...]

O capital e o trabalho, eis as duas forças que sustentam o edifício econômico, base de qualquer sociedade. Se o capital usurpou[...] o que é necessário não é DESTRUI-LO, mas regenerá-lo, obrigando-o a recuar para as suas fronteiras. Restabelecer a harmonia, o equilíbrio de ambos, é urgente e absolutamente indispensável para salvar a sociedade do abismo em que se despenha. [...]

Temos, pois, outro dilema. Na luta econômica, no conflito entre o capital e o trabalho, entre patrões e trabalhadores, o socialismo incita estes a devorarem aqueles e a Igreja manda que os capitalistas restituam o que foi usurpado.

Os princípios socialistas ensinam a destruição; a Igreja manda que os capitalistas restituam o que foi usurpado.

Os princípios socialistas ensinam a destruição; a Igreja aconselha a conciliação; não há lugar para os neutros. [...]

Ela [a Igreja] ensina que a autoridade e a liberdade são iguais, legítimas, necessárias. O que é necessário não é destruir, mas restabelecer os justos limites de ambas e isto não pode conseguir-se sem a existência do Estado. [...]

Mauro Passos enfatiza o caráter apologético do folheto de Campos do Amaral no intuito de defender os princípios cristãos da Igreja Católica e de construir uma imagem

discursivas e orientação católica para o trabalho em Belo Horizonte (1919-1930). 2007. 134f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

¹¹ É importante destacar que o recenseamento de 1920 indicava, em números absolutos, uma população de 55.563 habitantes em Belo Horizonte: 19.323 correspondiam à população ocupada. Fontes: Anuário estatístico do Brasil 1936. Rio de Janeiro: IBGE, v.2, 1936 e Brasil - Recenseamento de 1920. Rio de Janeiro, Typ. de Estatística, 1930, vol. V. apud DUTRA (1988).

negativa do socialismo.¹² No entanto, mais que apologético, o documento define os campos possíveis para enfrentar a questão social. De um lado, o socialismo e de outro a orientação católica. De acordo com Campos do Amaral, o único campo capaz de dar respostas aos problemas dos trabalhadores seria o baseado na fé católica. Os princípios socialistas são associados à ideia de destruição. A argumentação de Campos do Amaral é que não havia espaço para a neutralidade. O objetivo é apresentar a imagem dos adversários, desqualificá-la e indicar o caminho certo a seguir.

Um exemplo da construção do catolicismo e das manifestações socialistas como campos oposto pode ser encontrado no jornal *O Operário*, quando ainda era dirigido por Campos do Amaral. A estratégia, nesse caso, é a da construção de imagem repulsiva dos anarquistas. O artigo intitulado *Das palavras as obras*, sem autor identificado e publicado no primeiro número do jornal, conta a história de um anarquista chamado Franscesco Calvo, ativista e franco defensor de sua ideologia. Embora não haja referencialidade para a história contada no artigo, é possível interpretá-lo como um apelo dramático que busca, por meio da moral e da religião, associar aos anarquistas, e mesmo aos socialistas, características negativas, hediondas.

Faz poucos dias a polícia de S. Paulo prendeu um tal Franscesco Calvo, um sujeito que professava ideas anarchistas, promovia assembleas e greves e contumaz perturbava a ordem pública;

O operário referindo-se ao ilustre Calvo diz: “Quem não conhece o Calvo, o ex-thesoureiro da União dos Operários?”

Não houve assemblea, não houve sessão a qual Calvo não assistisse, faltando nella sua meia-linguagem.

A ouvi-lo tudo estava arruinado, tudo perdido; não havia mais nada de bom. Somente elle, Calvo, e seus companheiros de anarchismo eram os santos, os puros, os immaculados, os justos por excellencia. Os operários ingênuos escutavam-no de bocca aberta. Esperavam delle a completa restauração deste mundo, que anda de pernas para cima.

O anarchismo, dizia elle, é a salvação do mundo, porque o anarchismo possui bellezas como a do amor livre, segundo o qual os senhores degenerados podem commeter toda a sorte de monstruosidades, sem que a polícia de costumes tenha o direito de fechal-os na prisão.

Ora, o nosso santinho foi nesses dias preso numa casa de perdição, na qual morava sua própria filha Angelina de apenas 15 annos de idade.

Pelo inquérito policial soube-se, que o próprio Calvo tinha deflorado sua filha, atirando a ao depois a vida má.

¹² PASSOS, Mauro. **A presença e o discurso da Igreja na formação da classe trabalhadora em Belo Horizonte (1890-1930)**. 1986. 235f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Eis os frutos das bellas theorias, que vão propagando os incendiários de nossos operários! Eis ao que levam as doutrinas subversivas aprendidas em assembléas socialistas!
E aos fructos que se conhece a arvore!¹³

O conteúdo do folheto de Campos do Amaral reflete a linha editorial que seria imposta ao jornal da Confederação Católica do Trabalho, contrária ao socialismo e ao anarquismo e que visava a demarcar os campos e as formas opostas de enfrentamento da questão social. De um lado, os católicos e, do outro, socialistas e anarquistas. Não havia espaço para diálogo e qualquer tipo de interlocução entre esses campos. Havia conflito de princípios e métodos para o enfrentamento da questão social. Demarcando os campos contrários, o discurso de Campos do Amaral – alinhado ao pensamento social católico – tentava fortalecer a ideia de que o caminho certo a seguir era o catolicismo. Ao associar à imagem de seus adversários características negativas, os católicos tentavam disseminar um sentimento de repulsão ao pensamento socialista e também a ideia de que o único caminho eficaz no enfrentamento da questão social era o que defendiam.

A trajetória de José Augusto Campos do Amaral no movimento operário, vista na conjuntura de uma cidade recém-fundada, com classe operária ainda em organização, pode mostrar alguns aspectos esclarecedores da conformação da militância católica no mundo do trabalho belo-horizontino, nas primeiras décadas de existência de Belo Horizonte. Alguns aspectos tratados aqui demonstram a trajetória de uma liderança operária católica que já atuava no movimento leigo, e que direcionou sua ação aos trabalhadores. Durante a década de 1920, a militância católica encaminhou, à sua maneira, uma séria de lutas por melhorias nas condições de trabalho e vida dos trabalhadores.

Campos do Amaral atuou essencialmente na propaganda desse movimento, fosse pela escrita de textos argumentativos, como o folheto *Organização Operária*, fosse pelo trabalho de editor do jornal *O Operário*. Essa propaganda foi um dos elementos que ajudaram a disseminar entre os trabalhadores uma cultura confessional que orientou politicamente as lutas

¹³ Das palavras as obras. *O Operário*, Anno 1, n. 1. Belo Horizonte, 19 de jun. 1920, p. 2-3

empreendidas por parte significativa dos trabalhadores de Belo Horizonte até pelo menos o início da década de 1940, quando o catolicismo muda sua orientação e começa a perder espaço. Não é possível afirmar que a trajetória de Campos do Amaral seja exemplo típico do perfil da militância católica no mundo do trabalho, mas suas ideias e alguns aspectos biográficos são consentâneos com o que se pode observar do movimento operário católico e sua conformação em Belo Horizonte, sobretudo por sua atuação nas duas principais organizações católicas, a União Popular e a Confederação Católica do Trabalho.